

LAÍS CAROLINA FAGUNDES FIDÉLIS

**MULHERES QUE AMAM HOMENS PRESOS:
PEDAGOGIAS DE GÊNERO POR MEIO DE VÍDEOS DO
TIKTOK**

Viçosa - MG
Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV
2024

LAÍS CAROLINA FAGUNDES FIDÉLIS

MULHERES QUE AMAM HOMENS PRESOS: PEDAGOGIAS DE GÊNERO POR MEIO DE VÍDEOS DO TIKTOK

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof^ª Dra Mariana Ramalho Procópio Xavier

Viçosa - MG

Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV

2024



Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Comunicação Social
Curso de Comunicação Social - Jornalismo

Monografia intitulada *mulheres que amam homens presos: pedagogias de gênero por meio de vídeos do TikTok*, de autoria da estudante Laís Carolina Fagundes Fidélis, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profª Dra Mariana Ramalho Procópio Xavier – Orientadora
Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV

Profº Dr. Rennan Lanna Martins Mafra
Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV

Profª Dra. Carla Ramalho Procópio – UFF
Universidade Federal Fluminense (UFF)

RESUMO

Interessa-nos, neste Trabalho de Conclusão de Curso, compreender como as mulheres narram suas experiências em torno do encarceramento de seus companheiros, sob a perspectiva dos dispositivos amorosos (Zanello, 2018). Para tanto, analisaremos cinco vídeos selecionados da #mulherdepreso na rede social Tiktok, por meio de duas categorias: a percepção dos afetos e as pedagogias de gênero que surgem com a mídiatização (Braga, 2012). Ademais, interessa-nos refletir acerca dos papéis de gênero reproduzidos nos vídeos e problematizá-los como pedagogias de gênero (Louro, 1997) que oferecem um ideal de afetividade a ser performado.

PALAVRAS-CHAVE

#MulherdePreso; dispositivo amoroso; TikTok

ABSTRACT

In this Graduation Thesis, we aim to understand how women narrate their experiences surrounding the incarceration of their partners, from the perspective of amorous devices (Zanello, 2018). To achieve this, we will analyze five selected videos from the #mulherdepreso on the social media TikTok, through two categories: the perception of affections and the gender pedagogies (Louro, 1997) that emerge with mediatization (Braga, 2012). Furthermore, we are interested in reflecting on the gender roles reproduced in the videos and questioning them as gender pedagogies that offer an ideal of affectivity to be performed.

KEY-WORDS

#MulherdePreso; love dispositive; TikTok

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Adriana, por apoiar meus sonhos e ser a base essencial durante os anos de dedicação aos meus estudos. Meus planos só se tornaram realidade porque você já lutava por eles quando ainda nem existiam. Sua gentileza e determinação estão impressos em minha trajetória como o maior exemplo do que é “ser mulher”.

À minha avó materna, Maria da Glória, pelo cuidado em forma de reza, culinária, e puxões de orelha. Celebro sua vida na mesma intensidade que essa conquista.

Às minhas irmãs, Letícia e Nathália, pelo incentivo que se traduziu de diferentes maneiras. Através do olhar de orgulho de vocês pude ver uma versão mais bonita de mim mesma.

À Giulia, Maria e Rafaela, por serem família, acolhimento, risada e descanso. Nossos laços de amizade são o que tornam o caminho mais leve e divertido.

À minha psicóloga, Natália Rosado, por me acompanhar em todo o percurso universitário com palavras de afeto e resiliência.

À minha orientadora, Mariana, pelas correções e ensinamentos que me permitiram apresentar um melhor desempenho no meu processo de formação acadêmica.

Às amigas que cultivei ao longo dos anos em Viçosa, por dividir a rotina e os desafios da universidade. Cada um que cruzou o meu caminho acrescentou em mim uma nova perspectiva sobre a vida.

E por fim, à Laís que um dia sonhou em ser jornalista. À pessoa que eu fui e me tornei para chegar até aqui.

“A luta pela libertação somente tem significado se acontecer dentro de um movimento feminista que tenha por objetivo fundamental a libertação de todas as pessoas.”

Bell Hooks

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
CAPÍTULO 1 - DISCUSSÕES TEÓRICO-CONCEITUAIS.....	12
CAPÍTULO 2 - ANÁLISES.....	22
2.1 Afeto: facetas engendradas do amor.....	24
2.2 Cunhadas do TikTok: mediação e pedagogias de gênero.....	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	44

INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso nasceu de motivações pessoais e do despertar de interesse pela pesquisa acadêmica ao final da minha graduação em Comunicação Social - Jornalismo. Os debates feministas sempre foram de grande importância ao longo da trajetória para tornar-me mulher e, por meio desta monografia, comunicóloga e jornalista.

Durante o processo de definir o recorte de pesquisa e foco dos meus estudos, conheci o trabalho da psicóloga, professora e pesquisadora da Universidade de Brasília (UnB) Valeska Zanello em um podcast de grande notoriedade, o *Bom dia Obvious*. O canal – que conta com mais de 15 mil ouvintes mensais no *Spotify* – tem como essência abrir diálogos para as pautas de interesse feminino.

No episódio de número 152, intitulado *A prateleira do amor*¹ Zanello apresenta sua pesquisa e teoria sobre como homens e mulheres adotam diferentes comportamentos diante das relações românticas. A metáfora da prateleira criada pela autora evidencia as dinâmicas de poder que se estabelecem nos relacionamentos afetivos heterossexuais e, assim, é possível compreender os afetos e as relações românticas como objetos da cultura atravessados pelo patriarcado e não isentos de perpetuar violências.

O gênero feminino é socialmente construído para exercer o serviço do cuidado, logo, depende de outro para receber significado e está em uma posição secundária em relação ao masculino. O gênero masculino, em contrapartida, é construído como sujeito completo e merecedor de cuidados. É proposto a eles a independência e à elas a interdependência. Essa identidade coadjuvante reduz a mulher a uma condição de objeto, impedindo-a de ser reconhecida como um sujeito autônomo. As mulheres, assim, são socializadas por meio de um olhar utilitarista que opera em benefício dos homens. O valor da mulher como sujeito social está diretamente ligado ao cuidado e ao desempenho das funções de mãe e companheira, levando-a a investir mais nas relações afetivas e familiares.

Ainda de acordo com Zanello (2018), o amor para as mulheres é identitário, ou seja, é um elemento fundamental na percepção de si mesmas como sujeito social. Isso reflete em uma constante procura por um relacionamento e a necessidade de “ser escolhida” como companheira amorosa. Na dinâmica de gênero, os homens são vistos como sujeitos capazes de fazer escolhas, enquanto as mulheres, objetos a serem escolhidos. A saúde mental de mulheres é, desta maneira, vulnerabilizada, expondo-as a diferentes cenários de subordinação.

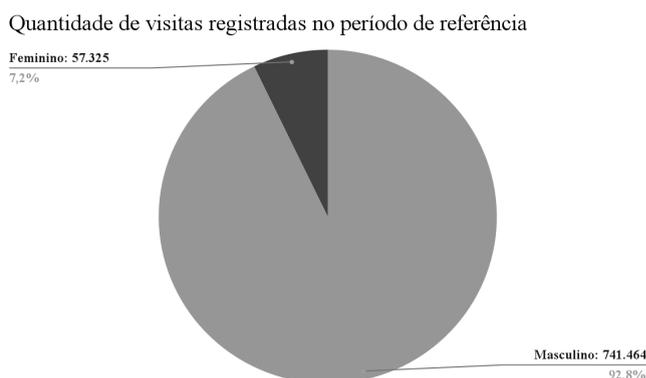
¹Link: <https://open.spotify.com/episode/31yrIodwXpW24pKrKnrCUg?si=e28c6e42262f4842>. Acesso em: 01 set 2024

Nesta circunstância, o letramento de gênero, isto é, o conjunto de habilidades e conhecimentos necessários para interpretar as situações de desigualdade e sexismo, aparece como fundamental para a proteção física e psicológica de mulheres, bem como o avanço das pautas feministas na sociedade contemporânea. À luz deste debate, pude buscar por lacunas na pesquisa sobre as dinâmicas de poder atravessadas pelo gênero no campo dos afetos e, desta maneira, definir o meu recorte de pesquisa na contemporaneidade.

No percurso de definição desta pesquisa, o contexto do cárcere despertou em mim grande curiosidade e indignação por ser um evidenciador de mazelas sociais e por atuar como uma manifestação das violências do Estado. Tivemos acesso aos trabalhos de Davis (2018) e Procópio (2024), os quais foram importantes para a compreensão dos enquadramentos de gênero neste contexto.

Ao investigar como as desigualdades de gênero operam neste cenário, notei um número discrepante de visitas aos presídios femininos e masculinos – de acordo com o relatório divulgado pela a Secretaria Nacional de Políticas Penais (SISDEPEN)², 92,8% das visitas às penitenciárias brasileiras são feitas às masculinas, por sua vez, apenas 7,2% às femininas (Gráfico 1). Durante o período de privação da liberdade, as visitas são imprescindíveis para formação de redes de apoio e preservação da saúde mental de todos os detentos, conforme nos alerta Jardim (2009). Os baixos números de visitas aos presídios femininos evidenciam o abandono e a vulnerabilidade das mulheres ao adoecimento psíquico dentro do sistema prisional.

Gráfico 1: Quantidade de visitas registradas no período de julho a dezembro de 2023 em presídios femininos e masculinos



Fonte: Relatório de informações penais - 15º ciclo SISDEPEN

² O SISDEPEN é a ferramenta de coleta de dados do sistema penitenciário brasileiro, que concentra informações sobre os estabelecimentos penais e a população carcerária. O SISDEPEN foi criado para atender a Lei n.º 12.714/2012, que dispõe sobre o sistema de acompanhamento da execução das penas, da prisão cautelar e das medidas de segurança aplicadas aos custodiados do sistema penal brasileiro. Disponível em: <https://www.gov.br/senappen/pt-br/servicos/sisdepen/relatorios/relipen/relipen-2-semester-de-2023.pdf> Acesso em 22 ago 2024.

Para entender a profundidade do impacto do encarceramento na vida das mulheres, é fundamental analisar também o recorte de gênero na perspectiva das visitas aos presídios. Conforme informações da Secretaria de Administração Penitenciária do Estado de São Paulo³, no ano de 2019, de todas as visitas de adultos a detentos na penitenciária de Pinheiros, 88,3% foram realizadas por mulheres (Quadro 1). Além disso, mais de 2 milhões de mulheres foram mobilizadas pela jornada da visita no mesmo período.

QUADRO 1- VISITANTES ADULTOS EM UNIDADES PRISIONAIS NO ESTADO DE SÃO PAULO EM 2019

Visitantes	Quantidade	Porcentagem (%)
Homens com mais de 18 anos	353.808	11,7%
Mulheres com mais de 18 anos	2.675.963	88,3%
Total	3.029.771	100%

Fonte: Dados levantados por Silva (2021) por meio da Lei de Acesso à informação. Protocolo 773822023947

Novamente de acordo com Zanello (2018), em nossa cultura patriarcal, as mulheres compreendem-se como indivíduos sociais a partir de dois dispositivos⁴: o amoroso e o materno. Os mecanismos se apresentam de formas tanto explícitas quanto simbólicas, pelas quais a sociedade pauta a legitimidade feminina por intermédio da avaliação masculina.

A identificação de tais dispositivos parece ser preponderante quando observamos situações que envolvem o encarceramento. De acordo com Jardim (2009), durante o período de privação da liberdade, as visitas são imprescindíveis para a formação de redes de apoio e preservação da saúde mental de todos os detentos: os visitantes formam laços de afeto que ajudam no processo de resiliência e, posteriormente, na readaptação social. Contudo, as visitas penitenciárias são realizadas sobretudo por mulheres – sejam elas mães, familiares, amigas ou companheiras. Em tais recortes, é notável que as mulheres investem mais nas relações afetivas e familiares, demonstrando mais disposição para superar os desafios da experiência das visitas a fim de manter suas conexões, o que, mais uma vez, ratifica a atuação dos dispositivos amoroso e materno.

³ SILVA, Mariana Lins de Carli. “Puxar cadeia junto”: significados do protagonismo de mulheres familiares de pessoas presas. 2021. 220 f. **Dissertação** (Mestrado em Direito) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. P. 61. Acesso em 22 ago 2024.

⁴ O conceito será desenvolvido no enquadramento teórico

Uma vez encontrada esta manifestação da disparidade entre os gêneros no contexto do cárcere, busquei objetos de análise que extrapolassem o campo da Psicologia e que permeassem os espaços de debate da Comunicação Social. A mídia, em suas diversas formas, é um frequente foco de investigação, visto que fornece amplo material para analisarmos os modos como as pautas sociais são apresentadas e debatidas na esfera pública.

Nos espaços de diálogo na internet, a *hashtag* #mulherdepreso ganhou grande visibilidade na rede social TikTok⁵. Os vídeos publicados por mulheres que mantêm relacionamentos amorosos com homens presos viralizaram, isto é, foram compartilhados por um grande número de pessoas em um curto período de tempo. Logo, o movimento ao redor da temática pode ser compreendido como um fenômeno das plataformas digitais e foi escolhido como objeto de observação do presente Trabalho de Conclusão de Curso.

Ao interpretar a *hashtag* como a forma que o cenário se manifesta no ciberespaço, foi possível centralizar o recorte do presente artigo no dispositivo amoroso, pois o emprego do substantivo “mulher” é usado como sinônimo para esposa ou companheira. Ademais, ao reconhecer que compartilham entre si uma trajetória de vida semelhante, as esposas dos homens presos se identificam como “cunhadas”, visto que seus maridos se consideram irmãos diante da experiência do cárcere. Assim, torna-se evidente que redes de apoio são formadas entre aqueles e aquelas atravessados por vivências similares; e, para as cunhadas, as redes sociais são uma importante forma de conexão.

Por meio das tendências de compartilhamento (*trends*), as cunhadas contam sua história de vida de forma pública: vídeos de curta duração com músicas animadas, coreografias ensaiadas e dublagens de áudios – conteúdos característicos da rede social ora analisada. Ao criarem seu próprio demarcador virtual, a #mulherdepreso, as cunhadas localizaram sua narrativa no tempo-espaço da internet. A *hashtag* conta com mais de 787 milhões⁶ de vídeos publicados e possui diversas variações de texto e símbolos gráficos, os chamados emojis, sendo as duas principais #mulherdepreso e #mulherdepreso 🗑️👉👈👫👤.

⁵ Lançada em 2016 pela empresa *Bytedance*, a plataforma chinesa TikTok conquistou espaço no mercado digital e ganhou notoriedade durante a pandemia de Covid-19. Os vídeos divulgados na rede social possuem entre 15 segundos e 1 minuto e se tornaram uma ferramenta para que os usuários compartilhassem cada vez mais pequenos recortes da vida cotidiana e aderissem ao comportamento de produtores de conteúdo.

⁶ Acesso em: 22 ago 2024.

Figura 1: Resultados da pesquisa por #mulherdepreso no TikTok.



Fonte: Captura de tela feita no aplicativo TikTok.

A partir desta demarcação, é possível observar que os vídeos de maior destaque têm milhões de visualizações, curtidas e comentários. Os números, chamados de Key Performance Indicator (KPIs) são evidências de que o TikTok rompeu as barreiras do privado e expandiu o diálogo para a esfera pública da internet. Assim, em decorrência da auto narrativa, as mulheres de homens presos apresentaram sua realidade para um público heterogêneo, formado por espectadores curiosos e previamente alheios ao quadro apresentado.

Diante do exposto, o objetivo geral da presente monografia é investigar como o compartilhamento das experiências pelo TikTok colabora para a construção do gênero, por meio da análise de vídeos demarcados pela *hashtag* “mulher de preso”. Especificamente, buscamos refletir acerca dos papéis de gênero reproduzidos nos vídeos e problematizá-los como pedagogias de gênero (Louro, 1997) que oferecem um ideal de mulheridade a ser performado.

Por fim, cumpre ressaltar que este TCC se apresenta dividido em dois capítulos: No primeiro, apresento o repertório teórico-conceitual norteador das reflexões. No segundo capítulo, realizo a análise de cinco vídeos selecionados por meio de duas categorias: interpretação do cuidado (Tronto, 1997) como afeto e as pedagogias de gênero (Louro, 1997) que surgem a partir da mídiatização (Braga, 2012).

CAPÍTULO 1 - DISCUSSÕES TEÓRICO-CONCEITUAIS

“Mulheres aprendem a amar os homens, enquanto os homens aprendem a amar muitas outras coisas”. De acordo com a psicóloga, professora e pesquisadora Valeska Zanello (2018), em *Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação*, às mulheres foi historicamente ensinado que o amor é tema central de suas vidas e que sua legitimidade depende do exercício pleno dos papéis de mãe e esposa. Aos homens é ensinado que as relações amorosas são apenas uma entre as diversas esferas da vida.

A divisão dicotômica social está calcada no binarismo de gênero, isto é, na organização social baseada na oposição masculino e feminino a partir do sistema sexo-gênero. Neste sistema, preponderantemente, características biológicas, como a identificação dos órgãos reprodutivos, são utilizadas para classificar e atribuir papéis e comportamentos específicos aos indivíduos.

Contudo, para além dos discursos de ordem biológica, a construção do gênero envolve dimensões históricas, sociais e culturais. No Ocidente, as comunidades se formaram majoritariamente binárias, com funções sociais divididas entre a esfera produtiva e a esfera reprodutiva, sendo estas endereçadas ao gênero masculino e ao feminino, respectivamente. Assim, foram atribuídos papéis e comportamentos específicos aos indivíduos de cada gênero e as relações se estabeleceram por meio de dinâmicas de poder que privilegiam o gênero masculino em detrimento do feminino.

Compreender o gênero como construção sócio-cultural não se trata de negar as diferenças biológicas existentes, pelo contrário, o objetivo é evidenciar que essas diferenças foram eleitas em determinado momento histórico para justificar desigualdades. O conjunto de mecanismos que ensinam, de forma explícita ou velada, o comportamento adequado para cada indivíduo de acordo com o sistema sexo-gênero é concebido por Teresa de Lauretis (1987) como tecnologias de gênero. Em constante movimento e construção, as tecnologias de gênero são fundamentais para o processo de engendramento dos sujeitos e produzem efeitos nos corpos, comportamentos e relações sociais.

A performance de gênero, de acordo com Judith Butler (2012), determina *scripts* impostos culturalmente que estruturam as relações humanas. Portanto, os atos performativos das identidades de gênero não são intrínsecos e, por meio deles, estabelecem-se dinâmicas de poder entre os gêneros. O poder, segundo Michel Foucault (2014), não se define por uma ação unilateral, criando personagens de opressores e oprimidos. Pelo contrário, o autor defende que

O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas, os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer esse poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles. Não se trata de conceber o indivíduo como uma espécie de núcleo elementar, átomo primitivo, matéria múltipla e inerte que o poder golpearia e sobre o qual se aplicaria, submetendo os indivíduos ou estraçalhando-os. Efetivamente, aquilo que faz com que um corpo, gestos, discursos e desejos sejam identificados e constituídos enquanto indivíduos é um dos primeiros efeitos de poder. Ou seja, o indivíduo não é o outro do poder: é um de seus primeiros efeitos. O indivíduo é um efeito do poder e simultaneamente, ou pelo próprio fato de ser um efeito, seu centro de transmissão. O poder passa através do indivíduo que ele constituiu. (FOUCAULT, 2014, p.285)

Poder e subjetividade estão, portanto, interconectados: o processo de compreender-se como indivíduo é produzido através de dinâmicas de poder, ao passo que o poder é atravessado pelo sujeito. A subjetividade é uma estrutura ampla que abrange a forma como as pessoas se percebem e se relacionam com o mundo ao seu redor, podendo ser influenciada por diferentes forças e estruturas que moldam as identidades individuais e coletivas.

Mayara Bichir (2024) expõe como a subjetividade feminina se constrói a partir de uma dominação histórica e produz, portanto, uma perspectiva objetificada da própria subjetividade. Essa objetificação é o resultado de processos complexos que envolvem violência física e simbólica, socialização diferenciada e dinâmicas de poder que reforçam a submissão. Como resultado, as mulheres internalizam a submissão como um elemento central de sua identidade: é por intermédio dela que as mulheres se auto percebem como indivíduos em face aos outros e, principalmente, aos homens. Subjetividade e gênero surgem e se desenvolvem por meio de mecanismos interdependentes e repetitivos, onde um fator influencia o outro de forma contínua e recíproca. Segundo Guacira Louro,

Ao afirmar que o gênero institui a identidade do sujeito (assim como a etnia, a classe, ou a nacionalidade, por exemplo) pretende-se referir, portanto, a algo que transcende o mero desempenho de papéis, a idéia é perceber o gênero fazendo parte do sujeito, constituindo-o. (Louro, 1997, p.25)

Para além de uma construção linear, gênero e subjetividade são produzidos por meio de dinâmicas cíclicas. O quadro produz uma cultura indissociada do gênero, dado que as identidades coletivas são constituídas pelas identidades individuais. A socialização tem um importante papel na estruturação da cultura, visto que normas e expectativas de comportamento são transmitidas e reforçadas. São criados, com base na socialização, enquadramentos para o “ser homem” e o “ser mulher”. Tais atribuições culturais ao gênero são chamadas de *papéis de gênero*, uma vez que são modelos de comportamento a serem desempenhados pelos indivíduos. (Butler, 2012). Em conformidade com Louro (2018), “a

construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais”.

Deste modo, diversos aspectos da cultura operam como *pedagogias de gênero* (Louro, 2018), posto que têm o objetivo de instituir padrões de comportamento para cada gênero. As construções culturais que atravessam o processo de socialização superam as características físicas do corpo humano: do momento em que descobre-se o sexo biológico do feto são criadas expectativas em torno de seus comportamentos. Tais projeções constituem o padrão de comportamento a ser considerado aceitável para a sociedade. Assim,

A sociedade busca, intencionalmente, através de múltiplas estratégias e táticas, “fixar” uma identidade masculina ou feminina “normal” e duradoura. Esse intento articula, então, as identidades de gênero “normais” a um único modelo de identidade sexual: a identidade heterossexual (Louro, 1997, p.17)

A padronização dos comportamentos de gênero acompanha a produção da heterossexualidade. Em sociedades binárias, o sujeito social é associado ao masculino e feminino que, por sua vez, é estritamente heterossexual. Portanto, “ser mulher” é ser sexualmente atraída por homens e o oposto também é verossímil. Ambos gênero e sexualidade são moldados por estratégias, simbólicas ou literais, que estão em movimento. As pedagogias de gênero operam como uma reiteração discursiva do processo de formação do sujeito.

Gênero e sexualidade são engrenagens que juntas formam o sujeito e, portanto, são atravessadas pelo poder (Foucault, 2014). De forma estratégica, é estabelecida a perpetuação das estruturas de dominação, garantindo o controle dos corpos e a manutenção das estruturas de poder entre os gêneros. Na infância, meninos e meninas são encorajados a desenvolver habilidades e interesses diferentes, que reforçam estereótipos de gênero e preparam cada um para papéis específicos na sociedade. Brincadeiras e atividades de lazer contribuem para essa diferenciação: meninos são incentivados a serem corajosos e competitivos, enquanto meninas a serem cuidadosas e colaborativas.

O “ser mulher” é uma construção que parte da relação do zelo e do afeto ao outro: é um modo de ser e estar no mundo diretamente ligado ao exercício do cuidado às coisas e pessoas. Desde a escolha das cores do enxoval até os brinquedos, as mulheres são encorajadas ao casamento, às atividades domésticas e à maternidade. Tornar-se sujeito nessa circunstância implica estar a serviço do outro e do funcionamento social. A socialização

feminina determina que as mulheres orbitem em torno do outro por meio do cuidado, mantendo assim uma posição secundária e acessória.

As relações heterossexuais estão, por conseguinte, sujeitas às estruturas de dominação. Valeska Zanello (2018) defende em sua tese que os dispositivos amorosos e maternos são as principais formas de inferir às mulheres a submissão. A autora apresenta a construção histórico-política do amor como objeto central e identitário para as mulheres, por meio das experiências de esposa e (ou) mãe. É possível, portanto, interpretar os afetos como produtos culturais impactados pelos processos de dominação engendrada. O amor romântico e a maternidade, de acordo com a psicóloga e pesquisadora, extrapolam a esfera íntima das experiências individuais e são utilizados como mecanismos que reforçam a subordinação feminina, limitando a autonomia das mulheres e condicionando-as a papéis de gênero tradicionais.

Para Foucault (2014), os dispositivos são a rede que se pode tecer entre diversos elementos – como discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. O dispositivo amoroso é, portanto, o conjunto entre “o dito e o não dito”, que relega às mulheres determinada forma de amar. Logo, as construções sócio-culturais que atravessam o processo de socialização determinam as formas de expressar as emoções e os afetos. O processo subjetivo de elaborar e expressar emoções é engendrado, logo, é concebido de diferentes formas por homens e mulheres.

Fundamentada em sua experiência na psicologia clínica e atuação como pesquisadora em saúde mental e gênero, Zanello (2018) expõe que a desejabilidade do matrimônio e da constituição familiar foi construída de maneira identitária – e, portanto, imperativa – às mulheres. A socialização feminina é orientada para a conquista dos homens, fazendo com que as mulheres busquem atrair seu interesse com o uso de todos os recursos que têm à disposição. Desde as primeiras experiências lúdicas da infância, as meninas são incentivadas a cumprir o papel de esposa ideal, por meio das brincadeiras de cozinha, elas aprendem a ser exímias cozinheiras; com as bonecas, desenvolvem o cuidado com os filhos; e ao brincar de maquiagem, aprendem a se apresentar de forma atraente e bem cuidada.

As mulheres são objetificadas mediante o olhar do outro, compreendendo-se como objeto de desejo, o que é fundamental em sua subjetividade. Ainda de acordo com Zanello (2018), a ideia de ser escolhida por um homem e conquistar um parceiro amoroso é vista como um objetivo central na vida feminina tendo em vista que a ausência de casamento é considerada uma falha em sua realização pessoal. O matrimônio e o desejo masculino

constituem chancelas de sucesso às mulheres, sendo formas de conquistar a legitimidade social, enquanto aos homens é reservado o papel de sujeitos ativos, que têm a capacidade de escolher, já que à elas cabe o papel de serem escolhidas.

É instaurado, assim, um terror moral. Encontrar um marido é um imperativo para as mulheres, uma questão de sucesso ou fracasso. Ser objeto de desejo e escolha, portanto, é o eixo principal do dispositivo amoroso (Zanello, 2018), sendo a forma mais evidente pelo qual ele se manifesta. A metáfora da *prateleira do amor* criada pela autora evidencia que a legitimidade da mulher parte de critérios masculinos, promovendo uma hierarquização entre elas. Os homens são definidos como os avaliadores físico-moral das mulheres e adotam parâmetros essencialmente racistas, etaristas, gordofóbicos e misóginos.

A classificação das mulheres parte do capital matrimonial: um recurso intangível que pode ser convertido em vantagem socioeconômica. Em outras palavras, as mulheres são ordenadas em sua elegibilidade ao casamento. Neste contexto, a avaliação como "esposa ideal" é determinada por uma série de fatores que incluem status social, beleza, habilidades domésticas e conformidade com expectativas culturais. Ainda de acordo com Zanello (2018), a beleza configurou-se como um ideal a ser conquistado. A partir do remonte histórico, a autora expõe como o padrão de beleza estabeleceu-se como: branco, jovem, magro e louro. Tais marcadores já estão presentes de maneira ampla na sociedade, não se limitando apenas ao contexto dos relacionamentos afetivos.

Faz-se necessário, desta forma, superar a visão homogênea e simplista do “ser mulher”, é imprescindível que o debate abranja a complexidade das diferentes existências da mulheridade. A interseccionalidade é um conceito que reconhece a conexão e a sobreposição das diferentes formas de opressão e discriminação que afetam as pessoas (Crenshaw, 1989), desafiando abordagens simplistas e unidimensionais. Gênero, raça, classe social, orientação sexual, entre outros, são conceitos que se entrelaçam e influenciam as experiências de vida de cada indivíduo. As raízes escravocratas brasileiras e as consequências históricas da colonização impedem que as vivências de mulheres brancas e negras sejam universalizadas, mesmo que vivenciem opressões similares.

Contudo, as diversas possibilidades de existência feminina estão sob a sociedade patriarcal e, para o debate proposto, o gênero é a principal dimensão de opressão a ser analisada. O “ser mulher” está pautado em uma subjetivação mediante a perspectiva externa, isto é, as mulheres se compreendem como sujeito em uma relação de “carência ser” (Zanello, 2018). Portanto, elas estão de maneira geral vulneráveis aos critérios de avaliação masculino. O dispositivo amoroso, centralizado na elegibilidade para o casamento, tem a rivalidade

feminina como um de seus desdobramentos. “Ser escolhida” faz parte de uma dinâmica relacional: algo ou alguém só é escolhido se outro for rejeitado. A subjetividade feminina resulta de uma comparação entre as mulheres, elas se subjetivam na relação uma com as outras por meio da rivalidade. Zanello expõe que esse mecanismo reforça a função dos homens como julgadores de todas as mulheres, posicionando-os em um lugar social onde estão isentos da avaliação feminina.

A identidade da mulher está em xeque no contexto de ser escolhida por um homem, tanto pela pressão de se adequarem aos critérios masculinos quanto pelo temor de não ser escolhida e, assim, falhar em seu papel social. Diante desta afirmação, as mulheres investem mais tempo e afeto nas relações amorosas. A estrutura entre os gêneros estabelece que as mulheres invistam sua energia emocional nos relacionamentos com os homens, enquanto os homens são incentivados a direcionar sua energia para o trabalho. Para as mulheres, amar pode se tornar uma dedicação em tempo integral, da mesma forma que o emprego é para os homens. O cenário tem como consequência relações heterossexuais assimétricas em investimento de tempo e afeto. Entretanto, de acordo com a autora, “dizer que são as mulheres que se subjetivam no dispositivo amoroso não quer dizer que os homens não as amem, mas que amam de forma diferente, na qual a sua identidade não está em xeque” (Zanello, 2018, p.87).

A saúde mental das mulheres, portanto, está em vulnerabilidade quando se trata de relacionamentos assimétricos. O dispositivo amoroso expõe mulheres a situações adversas para cumprir com o dever social do matrimônio. Os homens, por sua vez, lucram com o dispositivo amoroso das mulheres, visto que os relacionamentos funcionam como “almofadas psíquicas” para sua saúde mental (Zanello, 2018). Como resultado, as mulheres podem sentir-se pressionadas a manter a estabilidade do relacionamento e a conformar-se com os padrões estabelecidos, mesmo que isso signifique sacrificar seu próprio bem-estar mental e emocional.

No contexto do cárcere, esposas e (ou) namoradas de homens presos desprendem uma grande quantidade de tempo para sustentar suas relações e prestar apoio aos maridos e companheiros. O fato de passarem longas horas em viagens até o presídio, aguardando para ingressar nele e, posteriormente, se inserirem no espaço reservado para as visitas, imerge as “mulheres de preso” na experiência do encarceramento. Desta forma, Comfort (2003) argumenta que as mulheres com parceiros encarcerados experimentam uma forma de “prisão secundária”, que, embora menos intensa, permanece substancial em sua influência. Tais mulheres mudam suas rotinas para estarem presentes nos dias de visita, adaptam suas formas de vestir para atender às regras das penitenciárias e adotam o jargão penitenciário em seu vocabulário. Assim, elas apropriam-se da cultura penitenciária e ajustam os hábitos

necessários com o objetivo de cuidar de seus maridos e, conseqüentemente, manter seu relacionamento amoroso.

“A mulher, a parceira, a amiga e a namorada fazem mais do que suportar a prisão: elas partilham-na. No seu pensamento, no seu coração, na sua carne, na sua vida como mulheres” (Comfort, 2007, p.1055). De acordo com Mariana Silva (2021), em sua dissertação de mestrado “*‘Puxar cadeia junto’: significados dos protagonismos de mulheres familiares de pessoas presas*”, as mulheres fazem mais do que prestar apoio ao preso – elas “cumprem pena junto”. Os familiares dos presos e os próprios detentos desenvolvem sentimentos de proximidade e pertencimento dentro de um ambiente segregado e controlado. Dessa forma, a “dualização voluntária do corpo condenado”, reforça a “prisão secundária” das pessoas que não estão encarceradas, sujeitando-as a uma intensa inspeção e controle penal.

No âmbito da dimensão econômica dos cuidados exercidos pelas esposas de presos, Silva (2021) evidencia que o Estado utiliza o trabalho de milhares de mulheres para se eximir de suas responsabilidades legais, como assegurar a sobrevivência e a dignidade dentro das prisões brasileiras. O jumbo⁷, as refeições preparadas para os dias das visitas, os envios de itens pelo correio e o depósito de dinheiro no pecúlio⁸ são ações de cuidado realizadas pelos familiares de presos que movimentam a economia prisional. É perceptível, portanto, que a posição que se apresenta é de muita dedicação por parte das mulheres, e

quando questionadas por que visitam e o que isso significa para você, muitas afirmaram ser movidas pelo amor, concebido pela pesquisadora mais como uma ética do amor, no sentido de combinar a afetividade com o compromisso com o outro, com o sacrifício (...) Foi possível notar que o amor se constitui enquanto uma racionalidade de companheirismo, mesmo em situações que exigem mais esforços e sacrifícios. Ser familiar de pessoa presa é não renunciar ao amor, subvertendo a desumanização imposta pelo encarceramento. É também apoiar e preservar a memória, celebrar a vida, evitar o abandono e anunciar a esperança. (...) Se amar é cuidar, cuidar é trabalho. (SILVA, 2021, p.198)

O cuidado é uma ação que se caracteriza pela atenção, responsabilidade e zelo com pessoas e bens – logo, é fundamental para a sustentação da vida, impulsiona a economia e é um trabalho. O ato de cuidar relacional, portanto, é necessária a interação entre agentes e atividades, gerando múltiplos cenários possíveis. O contexto do cuidado não se restringe a apenas dois pólos opostos, como cuidador e cuidado, pelo contrário, é constituído por uma infinidade de possibilidades que refletem a complexidade das interações sociais. O cuidado engloba uma infinidade de práticas e experiências que vão além de dicotomias redutivas. Ele

⁷Refere-se ao conjunto de itens de alimentação, higiene, vestuário e material escolar cuja entrada no perímetro prisional é autorizada mediante o cumprimento de regras estabelecidas por cada unidade.

⁸Dinheiro em posse da pessoa presa para compras realizadas dentro das unidades prisionais.

inclui diversas formas de apoio, responsabilidades compartilhadas e contextos que moldam como o cuidado é oferecido e recebido.

A autora Joan Tronto (1997) reflete o cuidado sob uma perspectiva moral, analisando quais formas de cuidado são valorizadas socialmente. Ela argumenta que o cuidado carrega significados morais e éticos que refletem as prioridades de uma sociedade. A distribuição do cuidado é arbitrária e revela questões de justiça e equidade, mostrando como certas formas de cuidado são valorizadas enquanto outras são subestimadas. Dessa forma, o cuidado torna-se um indicador de relações de poder. Segundo a autora,

cuidar implica algum tipo de responsabilidade e compromisso contínuos. Essa noção está de acordo com o significado original da palavra cuidado em inglês: care significava carga; cuidar é assumir uma carga. Quando uma pessoa ou um grupo cuida de alguma coisa ou de alguém, presumimos que estão dispostos a trabalhar, a se sacrificar, a gastar dinheiro, a mostrar envolvimento emocional e a despende energia em relação ao objeto de cuidados. (TRONTO, 1997, p.188)

O gênero, mais uma vez, é compreendido como um importante fator de análise na perspectiva dos cuidados, em vista da socialização feminina. O cuidado exercido pelas mulheres para com seus maridos pode ser interpretado, portanto, como uma carga emocional, financeira e física. Na situação apresentada, o cuidado exercido pelas cunhadas com seus maridos presos é uma carga e também um sacrifício, visto que as imerge na dinâmica prisional (Silva, 2021). Entretanto, as mulheres de homens presos ao auto narrar suas vivências expõem o cuidado como uma manifestação de seu afeto e expressão de suas emoções. A percepção do cuidado como afeto é, portanto, uma das maneiras que as mulheres internalizam a dominação em sua subjetividade (Bichir, 2024).

A narrativa adotada pelas cunhadas parte da perspectiva que o amor romântico é o motivador para superar as adversidades da prisão de seu marido, reiterando o dispositivo amoroso (Zanello, 2018) como forma de subordinação às mulheres. Elas compartilham suas vivências em suas redes sociais e elaboram junto ao público os significados de seus afetos.

Neste momento, chegamos ao ponto central deste Trabalho de Conclusão de Curso, visto que, ao compartilhar suas histórias e experiências nas redes sociais, as cunhadas adotaram o papel de produtoras de conteúdo e difundiram o debate para a esfera pública. O TikTok foi escolhido por elas como a rede social de mediação entre a realidade das cunhadas e o público geral. Segundo José Braga (2012), a mediação é um processo em que um elemento intercalado organiza as relações entre sujeitos e (ou) ações diversas. A plataforma digital de vídeos, portanto, opera como o canal de comunicação entre os envolvidos e, por

causa das suas características de rápida difusão, facilita a troca de informações. O encontro comunicativo entre as cunhadas e seu público é influenciado pelas formas que o meio é posto em uso. É importante ressaltar que

os diferentes campos sociais, no seu trabalho de articulação com o todo social, desenvolvem táticas e usos para as tecnologias disponíveis, moldando-as a seus objetivos. Ao experimentarem práticas mediáticas, ao se inscreverem, para seus objetivos interacionais próprios, em circuitos midiáticos, ao darem sentidos específicos ao que recebem e transformam e repõem em circulação – os campos sociais agem sobre os processos, inventam, redirecionam ou participam da estabilização de procedimentos da midiáticação. (BRAGA, 2012, p.45)

A interação entre a mídia e a sociedade, de acordo com Braga (2012), corresponde à midiáticação. A “cultura da mídia” é processo em que a sociedade torna-se cada vez mais dependente das mídias e seus *modus operandi*. Como resultado, as práticas sociais, culturais e políticas são influenciadas pela presença e pelas lógicas dos meios de comunicação. O contexto se traduz em comportamentos coletivos que se adequam às mídias. O surgimento de *influencers*, por exemplo, é resultado da midiáticação, visto que pessoas incorporaram aspectos midiáticos em seu comportamento.

Apesar de não serem oficialmente reconhecidas como “profissionais de comunicação”, as cunhadas desenvolvem métodos e planos para alcançar seus objetivos no campo da comunicação. A #mulherdepreso surgiu a partir desse cenário, visto que o uso da *hashtag* cumpre com funções de demarcação digital e busca atingir propósitos de alta circulação no ciberespaço. O fenômeno digital que se estabelece é um conjunto entre: as estratégias adotadas pelas cunhadas para difundir seus vídeos, as formas de narrar as experiências do cárcere e as interações resultantes do compartilhamento.

Por conseguinte, o conteúdo dos vídeos alcança milhões de usuários e viraliza nos espaços de diálogo digitais. Para uma parte desses usuários, a realidade das mulheres que têm parceiros presos é acessada exclusivamente através desse recorte específico, transformando o vídeo em uma forma de pedagogia de gênero (Louro, 1997). Nesse contexto, o vídeo não apenas divulga informações, mas também influencia a compreensão pública sobre as experiências e desafios enfrentados por essas mulheres, oferecendo uma perspectiva que pode informar, mas também criar papéis de gênero a ser performado nas circunstâncias dadas.

Em síntese, o dispositivo amoroso opera de formas simbólicas e explícitas para atribuir às mulheres o papel de esposa. Por meio da subjetividade e da socialização feminina, o trabalho do cuidado é internalizado como uma expressão genuína de afeto e uma performance de gênero. As cunhadas, ao compartilhar suas vivências pela rede social TikTok,

se inserem em um contexto de midiaticização e criam pedagogias de gênero sobre o “ser mulher de preso”. A dualização voluntária do corpo condenado é publicamente exposta como o cumprimento dos deveres de esposa e (ou) companheira e, portanto, atua como uma performance de gênero.

CAPÍTULO 2 - ANÁLISES

Conforme apresentado na introdução deste trabalho, vídeos publicados por mulheres que mantêm relacionamentos amorosos com homens presos viralizaram no ciberespaço, isto é, foram compartilhados por um grande número de pessoas em um curto período de tempo. Por meio das tendências de compartilhamento, as chamadas *trends*, e com o uso da *hashtag* #mulherdepreso, elas contaram sua história de vida de forma pública: vídeos de curta duração com músicas animadas, coreografias ensaiadas e dublagens de áudios – conteúdos característicos da rede social TikTok.

Entendemos que o fenômeno comunicacional por nós estudado se insere em um contexto de midiatização (Braga, 2012), no qual é possível evidenciar uma espécie de inter-relação entre as transformações na/das mídias e alterações que ocorrem na própria cultura e na sociedade (Couldry; Hepp, 2020). É por via da midiatização que campos sociais que antes não se conectavam passam a interagir. Ao reconhecer que compartilham entre si uma trajetória de vida semelhante, as esposas dos homens presos se denominam “cunhadas”, visto que seus maridos se consideram irmãos diante da experiência do cárcere. Assim sendo, torna-se evidente que redes de apoio são formadas entre aqueles e aquelas atravessados por vivências similares; e, para as cunhadas, as redes sociais são uma importante forma de conexão.

Para a realização desta pesquisa, a primeira etapa que se estabeleceu foi estabelecer um material empírico para a análise. A seleção ocorreu por meio de uma busca por relatos de “mulheres de preso” que auto narram suas vidas e experiências ao se relacionarem com homens em privação de liberdade.

Para justificar a escolha do material empírico, é necessário compreender a comunicação como disciplina indiciária (Braga, 2008), isto é, reconhecê-la como um estudo interpretativo, cuja validade se fundamenta em sua capacidade de produzir inferências. Em termos operatórios, coletamos indícios que apontam para a legitimidade do fenômeno central que estamos estudando (o compartilhamento de experiências e vivências de mulheres cujos companheiros estão em privação de liberdade), os quais foram tensionados a partir das teorias nas quais nos apoiamos.

Ao pesquisar sobre a *hashtag*, os vídeos chamaram minha atenção ao evidenciar o alto nível de dedicação que as cunhadas investem em suas relações amorosas, em vista da rígida burocracia adotada pelos presídios. Para manter seus laços afetivos com seus parceiros, elas decidem enfrentar rotinas cansativas e exercer um trabalho de cuidado intenso. Desde o preparo das refeições de seus companheiros até a revista vexatória, as esposas e

companheiras de homens encarcerados estão dispostas a lidar com situações cansativas e degradantes em nome do amor romântico.

A seleção dos vídeos levou em consideração três fatores, sendo eles: 1) uso da *hashtag* #mulherdepreso a partir de suas diversas variações; 2) número de visualizações e curtidas no TikTok; 3) conteúdo do vídeo em coerência com as lentes teórico-conceituais. É importante ressaltar que os vídeos estão disponíveis de maneira pública na rede social e que, para fim de preservar a imagem dos envolvidos, os rostos foram borrados nas imagens a seguir. A partir dos critérios definidos, foram selecionados cinco vídeos da rede social TikTok demarcados com a *hashtag* #mulherdepreso de mulheres distintas, apresentados no quadro a seguir:

QUADRO 2 - SÍNTESE DOS VÍDEOS ANALISADOS

Título atribuído	Data da postagem	Tempo de duração	Link de acesso
Vídeo 1: Rotina exaustiva	06/08/2023	48 segundos	https://vm.tiktok.com/ZMrTgrTOh/
Vídeo 2: Performance da boa esposa	07/01/2023	36 segundos	https://vm.tiktok.com/ZMrc4gfNr/
Vídeo 3: Amor incondicional	17/07/2023	16 segundos	https://vm.tiktok.com/ZMrcVL4gF/
Vídeo 4: A escolhida	08/07/2023	15 segundos	https://vm.tiktok.com/ZMr3LsXkU/
Vídeo 5: Apresentação do mundo das cunhadas	07/05/2022	2 minutos e 58 segundos	https://vm.tiktok.com/ZMrc4nFPc/

Fonte: elaboração da autora.

Definido o material empírico, buscamos relacionar a tese dos dispositivos amorosos de Valeska Zanella (2018), em conjunto com as análises sobre o cuidado por Tronto (1997) e a perspectiva das pedagogias de gênero de Louro (1997) à luz da mídiatização (Braga, 2012). O conjunto de vídeos apontam para essas questões e duas categorias foram criadas para análise, são elas: 1) Afeto: facetas engendradas do amor e 2) Cunhadas do TikTok: mídiatização e pedagogias de gênero. A primeira categoria busca observar como as cunhadas interpretam o cuidado na circunstância do cárcere como afetos e, assim, criam ideais de afetividade a partir de sua performance como companheiras. Por sua vez, a segunda categoria analisa como o compartilhamento no TikTok inseriu as mulheres de preso em um contexto de mídiatização (Braga, 2012) que corrobora para a difusão das pedagogias de gênero.

2.1 Afeto: facetas engendradas do amor

Os afetos são percebidos de diferentes formas por homens e mulheres. Valeska Zanello (2018) declara em seu livro *“Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação”* que o gênero está intrinsecamente conectado à forma com que expressamos as emoções por meio da linguagem, visto que o conjunto de sensações que ocorrem no corpo humano é interpretado como “emoção” a partir da associação a um significado. Esse processo não é neutro, atribuir significados para as emoções é uma construção cultural e, portanto, sujeita às diversas normas sociais.

Cada gênero enfrenta diferentes expectativas e pressões em relação à forma como deve expressar seus sentimentos. A socialização torna-se central para debater a expressão das emoções, visto que as expectativas refletem as normas culturais predominantes que definem o que é considerado apropriado para homens e mulheres, respectivamente. Os papéis de gênero se manifestam de maneira explícita na expressão dos sentimentos,

um exemplo clássico é o choro, cuja expressão é inibida socialmente em homens, mas não apenas permitida, como até incentivada em mulheres, em culturas sexistas. Destaca-se que “choro” é o exemplo dado nos principais manuais de classificação diagnóstica para o sintoma “tristeza” (ZANELLO, 2018, p.19).

Um conjunto complexo de influências culturais e sociais moldam a interpretação e a expressão das emoções. As pedagogias de gênero, como descrito por (Louro, 1997), são essenciais para que comportamentos específicos associados a cada emoção sejam transmitidos culturalmente e, assim, adquiram significados sociais. Por meio de processos educativos, as práticas culturais reforçam as expectativas de manifestação dos afetos. Dessa forma, os papéis de gênero se tornam não apenas uma questão de identidade individual, mas um componente fundamental das interações sociais e da estruturação das relações.

O afeto, para as mulheres, é influenciado pela perspectiva do cuidado. Desde a socialização, o ato de cuidar é frequentemente imposto como um aspecto central da identidade feminina, sendo associado à expressão da mulheridade. Esse processo socializa as mulheres a internalizar o cuidado não apenas como uma responsabilidade, mas como uma parte essencial de quem são. Assim, o cuidado torna-se uma forma de expressar o afeto: uma maneira de afirmar a própria identidade, moldando a forma como mulheres interpretam e manifestam suas emoções.

As esposas de homens presos, dado o contexto do cárcere, estão sujeitas ao cuidado para manter seu relacionamento ativo. O afeto, como expressão do sentimento “amor”, precisa se ajustar à dinâmica prisional para se manifestar – é por meio das visitas, cartas, preparação do jumbo e entre outros, que as cunhadas exercem o papel de esposas e (ou) companheiras. O vídeo intitulado como “Rotina exaustiva” exemplifica os diversos modos de cuidado que as mulheres de presos exercem em um dia de visita.

Figura 1: Mosaico realizado a partir de três frames do vídeo 1.



Fonte: TikTok.

O vídeo publicado no TikTok por Janaína Oliveira⁹ é um *daily vlog*, uma categoria de vídeo com conteúdo de rotina que conta histórias e acontecimentos daquele dia. A narrativa inicia com a cunhada acordando às três horas da manhã para preparar a refeição que levará à visita familiar. O tempo é evidenciado como um importante recurso do cuidado. Em um dia de visita, a cunhada desprende horas do seu dia para organizar o jumbo para o dia de visita, realizar o trajeto até a penitenciária, esperar na fila de entrada, o decorrer da visita e, por fim, voltar para casa. De acordo com o vídeo, Janaína gastou mais de 12 horas para visitar seu marido na prisão.

O cuidado é evidente na atenção aos detalhes que atendem às burocracias do sistema prisional: todos os potes são transparentes e identificados, os rótulos de produtos são descartados e materiais de uso essencial são organizados para transporte. Ademais, como

⁹ Perfil 1 em anexo. Acesso em: 27 ago 2024

demonstração de seu afeto e carinho, Janaína desenha corações na sacola de entrega dos materiais com as iniciais de seu marido ao centro. A expressão de amor está presente no simbolismo, bem como no ato de cuidar.

Figura 2: Mosaico realizado a partir de três frames do vídeo 1.



Fonte: TikTok.

Por outro lado, ao se adequar às regras da penitenciária, demonstra que a cunhada está sob as regras de controle do sistema (Silva, 2021) e, de forma voluntária, imersa na realidade do cárcere para manter contato com seu companheiro. De forma implícita, a “prisão secundária” é narrada e percebida pela cunhada como um desafio romântico, algo que se está disposto a fazer pelo afeto e pela manutenção de seu relacionamento. A música “Liberdade Canta” do Mc Diouro, trilha sonora do vídeo, evidencia a perspectiva romântica do cenário apresentado.

Figura 3: Mosaico realizado a partir de três frames do vídeo 1.



Fonte: TikTok.

Janáina também se dedica para cuidar da própria aparência e beleza. A escolha das roupas e itens de higiene pessoal são apresentados para o público (Figura 3). Os elementos enfatizam o cuidado com a beleza, desta forma é possível analisarmos que a cunhada está performando (Butler, 2012) feminilidade por meio de seu papel de companheira. O cuidado com a própria beleza se manifesta como um efeito do dispositivo amoroso (Zanello, 2018), visto que ser objeto de desejo do parceiro é crucial para o bem-estar de um relacionamento.

Em seu perfil, Janáina tem mais de 40 mil seguidores e uma expressiva notoriedade de acordo com as métricas do vídeo ora analisado, na tabela¹⁰ a seguir:

Visualizações	Curtidas	Compartilhamentos	Hashtags
95.8k	2.8k	129	#cunhadasdotiktok 🗝️🗝️💖 #diadevisita 🗝️🗝️ #jumbo #comidadopreso #foryou #viralpage

¹⁰ Acesso em: 27 ago 2024

			#mulherdepreso 🗝️🙏👫💍 #mulherdeumdetento 🖤🗝️❤️ 🗝️ #soficaquemama 🖤🗝️ #fimdevisita #quintafeira
--	--	--	--

Em adição, o segundo vídeo, nomeado como “A performance da boa esposa”, reafirma o cuidado como expressão do afeto nas condições singulares de seu relacionamento com um homem preso. Ao preparar as refeições para o dia de visita, Amanda enfatiza que levou em consideração os gostos do marido com a fala: “gente, dessa vez eu vou levar duas tupperware de frios porque meu marido não quer comida”. A afirmação evidencia o esforço e dedicação de Amanda para agradar seu marido e, desta forma, atender às performances de gênero (Butler, 2012). Amanda demonstra muita dedicação e cuidado (Tronto, 1997) ao preparar cada detalhe da refeição, inclusive uma sobremesa de mousse de maracujá com duas barras de chocolate.

Figura 4: Captura de tela do vídeo 2. Potes transparentes com a refeição do dia de visita, duas barras de chocolate e os dizeres “dia de visitar o preso”.



Fonte: TikTok.

O vídeo inicia com o título escrito na tela “dia de visitar o preso”, apresentando o *daily vlog*, conteúdo sobre o decorrer de um dia, acerca da visita ao presídio. A influenciadora mostra nos vídeos que se atentou às normas de inspeção dos jumbos, visto que os potes e o tempero da salada estão embalados em material transparente: “vou levar aqui um pote de salada, lá eles deixam entrar assim em um saquinho”. As mulheres de homens presos se vêem obrigadas a adotar os critérios de inspeção das penitenciárias para que seja possível visitar seus maridos, assim, elas estão sujeitas ao controle do sistema carcerário e condicionadas à “prisão secundária” (Silva, 2021).

A performance de gênero, manifestada no cumprimento do papel de “boa esposa”, se revela no esforço constante para agradar e atender aos critérios estabelecidos não apenas pela instituição penitenciária, mas também pelo próprio marido. Nesse contexto, a mulher se dedica entre as expectativas sociais que definem o que significa ser uma “esposa ideal” e as demandas específicas que surgem em situações de encarceramento. Essa dualidade reflete a complexa rede de normas de gênero que moldam e limitam o comportamento feminino, reforçando o papel da mulher como cuidadora dedicada e submissa, mesmo em circunstâncias adversas. A busca por aceitação e aprovação, tanto do sistema quanto do parceiro, exemplifica como a performance de gênero é constantemente avaliada e reforçada em diferentes esferas da vida.

A trilha sonora escolhida para os vídeos, a música “Nosso Alvará” do Mc Diouro que narra a rotina das cunhadas. Em sua letra: “Amanheceu, é dia de visita e minha guerreira vem me visitar. Tô contando os dias e as horas pra poder te abraçar.”, Amanda afirma o amor romântico como motivador para os esforços de manter o relacionamento, ratificando o dispositivo amoroso (Zanello, 2018).

O vídeo segue para um segundo cenário que mostra a jornada de transporte até a penitenciária, demonstrando que Amanda separa horas de seu dia para as visitas e todos os preparos necessários. As horas gastas para estar presente na vida de seu marido é uma perspectiva de afeto e reforça que o amor para as mulheres é um trabalho em tempo integral. Para além do dia das visitas, outros trabalhos são exercidos para ajustar a rotina das cunhadas às demandas de seu relacionamento. As compras de mercado e organização dos materiais para o jumbo são demandas que estão inerentes ao cuidado.

A influenciadora Amanda Pereira¹¹ conta com mais de 135 mil seguidores na plataforma TikTok e o tema central de suas postagens é seu relacionamento com um homem

¹¹ Perfil 2 em anexo. Acesso em: 27 ago 2024

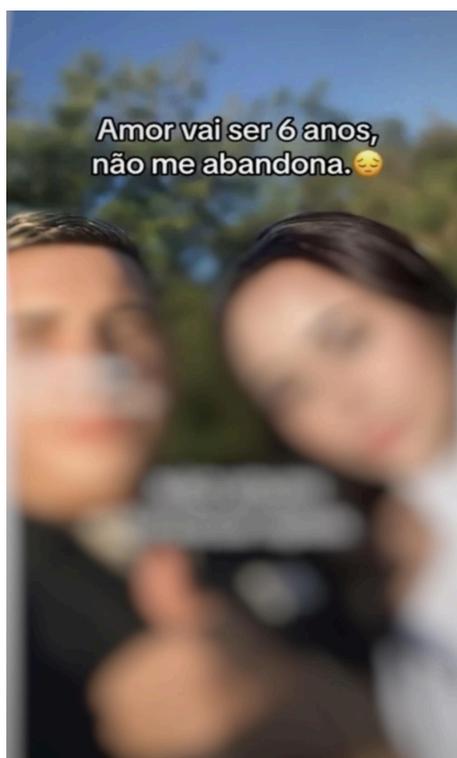
preso. A cunhada utiliza demarcadores específicos para localizar seu vídeo no tempo-espaço da internet, alcançando métricas expressivas em seu vídeo, de acordo com a tabela¹² a seguir:

Visualizações	Curtidas	Compartilhamentos	Hashtags
10.3M	510.8k	13.7k	#amoratrasdasgrades 📍💔👉👈🔒 #mulherdepreso 📍👉👈🔒 #videdodia #fyp #viral

De forma ainda mais expressiva, o terceiro vídeo reafirma o afeto e acrescenta um novo desdobramento do cuidado como trabalho (Troton, 1997). O vídeo, identificado como “Amor incondicional”, expõe que as cunhadas precisam dar conta de diversas esferas da vida, para além dos cuidados com o marido. Letícia Stecheski publicou em suas redes sociais um vídeo de carácter emocional ao som da música “Only love can hurt like this” de Paloma Faith. No princípio, o vídeo evidencia a fidelidade de Letícia com seu companheiro ao permanecer ao lado do companheiro durante o período de privação de liberdade. O amor romântico aparece de forma explícita quando é visto pela perspectiva da dor: os sacrifícios de estar em um relacionamento com um homem preso.

Figura 5: Captura de tela do vídeo 2. Foto do casal com as frases “Amor vai ser [sic] 6 anos, não me abandona” e “NÃO VOU!!!! Vai passar rápido”.

¹² Acesso em: 27 ago 2024

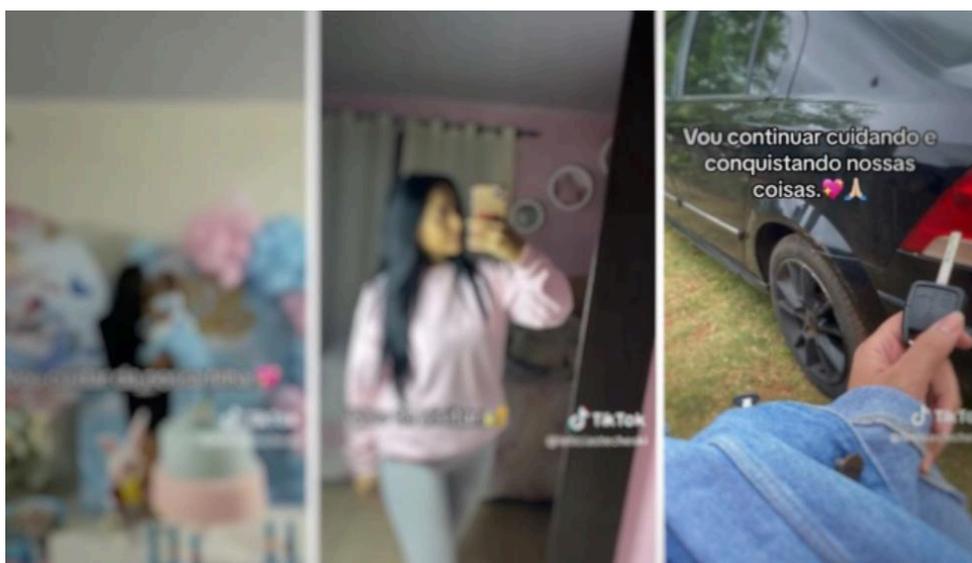


Fonte: TikTok.

Em um segundo momento do vídeo, Letícia elenca as formas de cuidado e dedicação que ela assume em seu relacionamento, destacando como as demonstrações de afeto se transformam em obrigações na ausência do marido. Ao afirmar sua lealdade ao marido e ao relacionamento, a cunhada lista quais compromissos irá manter ao cumprir seu papel de esposa. Entre essas promessas, Letícia afirma: “vou cuidar da nossa filha, vou te visitar, vou continuar cuidando e conquistando nossas coisas”. Essas declarações revelam a sobrecarga emocional, física e financeira que recai sobre as esposas de homens encarcerados.

As demandas não se limitam ao cuidado com o companheiro preso, mas se estendem às demais responsabilidades da vida. As cunhadas enfrentam uma dupla jornada de trabalho: cuidar dos maridos presos e, ao mesmo tempo, gerir as responsabilidades cotidianas, como sustentar a família, cuidar dos filhos, e lidar com os desafios diários. Os desafios, mais uma vez, são interpretados e narrados como expressões de afeto ao decidir enfrentá-los para evitar o rompimento amoroso. Na simulação de diálogo proposta no texto (Figura 6), o rompimento, motivado pela prisão do marido, seria interpretado como um abandono, evidenciando a chancela de sucesso para as mulheres que mantêm seu relacionamento (Zanello, 2018).

Figura 6: Mosaico realizado a partir de três frames do vídeo 3.



Fonte: TikTok.

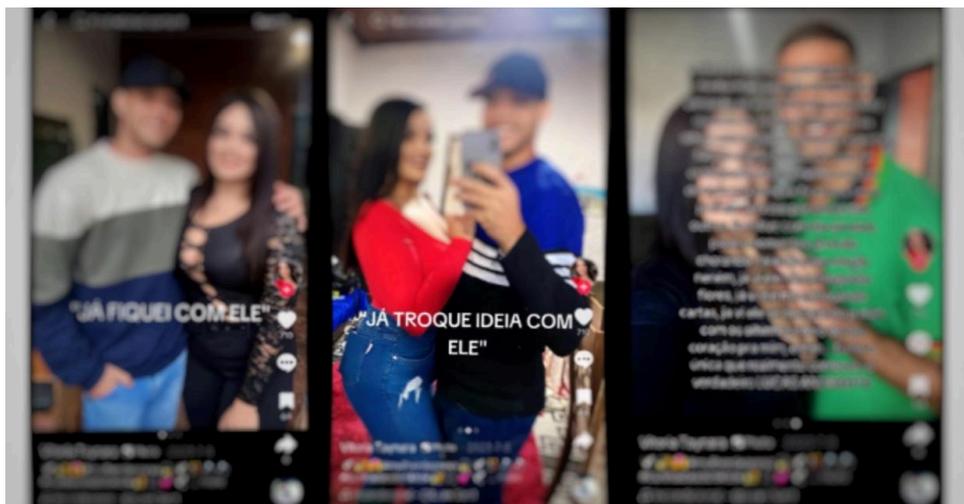
Por fim, a cunhada exalta o amor romântico por meio das cartas que recebe e escreve ao marido na prisão. Nesse segmento do vídeo, a expressão das emoções se torna o tema central, evidenciando a importância das cartas como um meio de comunicação entre o casal. As cartas não apenas permitem que a cunhada mantenha um contato constante com seu parceiro, mas também servem como um canal para expressar afetos e reafirmar o compromisso com o relacionamento. Nesse contexto, as cartas se tornam um símbolo tangível do amor e da dedicação, proporcionando uma forma de conexão emocional que vai além das visitas físicas. O choro é evidenciado como uma expressão da emoção por parte dela, enfatizando a socialização feminina nas maneiras de demonstrar emoções. Os papéis de gênero (Butler, 2012) são afirmados em diferentes momentos dos vídeos, sendo o exercício da maternidade um aspecto evidente.

O alto investimento de Leticia no vínculo romântico reafirma o dispositivo amoroso (Zanello, 2018) por meio da necessidade de preservar o relacionamento, independentemente das dificuldades. Leticia se dedica de forma incondicional à manutenção da relação, demonstrando como o dispositivo amoroso opera para manter as mulheres conectadas a ideais de amor e comprometimento de forma identitária. Essa dinâmica reflete a expectativa cultural de que mulheres suportem sacrifícios em nome do amor, reforçando a ideia de que o sucesso e a continuidade de uma relação amorosa são de responsabilidade feminina.

Figura 7: Captura de tela do vídeo 3. Imagem de cartas e o texto “vou chorar relendo e escrevendo nossas cartas”.



Fonte: TikTok.



Fonte: TikTok.

Ser escolhida como companheira e (ou) esposa é o cerne do dispositivo amoroso, visto que a construção e a valorização das relações afetivas influenciam a subjetividade feminina (Bichir, 2024). Os diversos mecanismos que impõem às mulheres o dever do matrimônio não apenas definem papéis e expectativas dentro da relação, mas também têm um impacto significativo no prestígio social das mulheres. Assim, a escolha da cunhada como companheira é mais do que uma questão de afeto; é também um fator crucial na obtenção e manutenção do reconhecimento social. A escolha fica evidente no texto da última foto:

eu já vi ele nervoso pra falar com a minha mãe, já vi ele sorrindo de verdade, já vi ele me deixando feliz quando eu estava triste, já vi os olhos dele brilhando quando a gente fala do nosso futuro, já vi ele se esforcando [sic] pra ser melhor e fazer de tudo pra sempre ficarmos bem, já vi ele nervoso por causa dos outros, já estive com ele em seus piores momentos, já vi ele chorando, falando com voz de neném, já vi ele me entregando flores, já vi ele me entregando cartas, já vi ele se declarando p [sic] mim com os olhinhos cheio de seu coração pra mim, enfim... Eu fui a única que realmente conheceu o verdadeiro LUCAS (Vídeo 4)

O amor está pautado nas demonstrações do companheiro, que confirmam a cunhada como a única digna de seu afeto: ele é o agente da escolha, enquanto ela é o objeto escolhido. A afetividade é compreendida como uma dinâmica de demonstrações e escolhas, onde o parceiro expressa seu afeto por meio de ações que validam e destacam a cunhada como merecedora de seu carinho. Essa relação revela uma dualidade de papéis, onde o ato de amar se torna uma afirmação constante da importância e exclusividade do outro.

O desdobramento da rivalidade feminina se apresenta de maneira discreta na publicação, pois Lucas precisou rejeitar outras mulheres para escolher Vitória como sua companheira. A chancela de sucesso é evidenciada pela própria cunhada, que interpreta a sua

elegibilidade como esposa como uma demonstração de afeto. O dispositivo amoroso (Zanello, 2018) ratifica os homens como avaliadores físicos e morais das mulheres, mesmo em conjunturas que estão em desprestígio social.

Apesar das métricas menos expressivas no que diz respeito aos números de curtidas e compartilhamentos, a publicação está inserida em um contexto de midiaticização (Braga, 2012) e ao fenômeno da *hashtag* #mulherdepreso, de acordo com a tabela¹⁴ a seguir:

Visualizações	Curtidas	Compartilhamentos	Hashtags
58.7K	710	64	#mulherdepreso 🗝️🕊️👫💍💍 #cunhadasdotiktok 🗝️🗝️🗝️🗝️💍💍 #cunhadasdosistema 🗝️🗝️💍 #guerreirasdotiktok 🗝️🗝️🕊️🕊️ #mulherdepresosim 🗝️🗝️💍 #guerreiradefênuncagela 🗝️🗝️🗝️💍 #visita #soltaopresojuiz 🕊️🕊️🗝️🗝️💍 saudade #visitameupreso 💍🗝️🗝️ #mulherdepreso

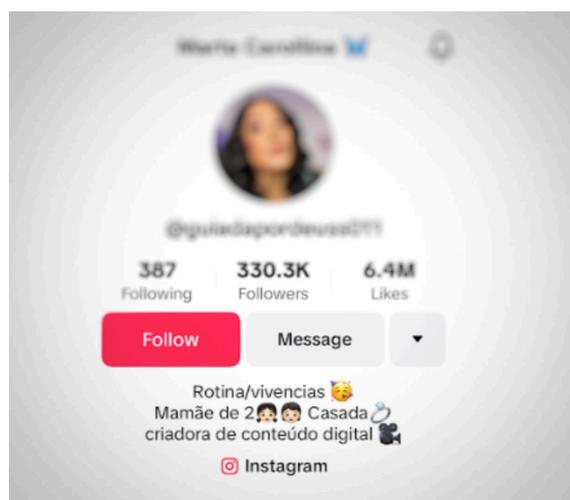
2.2 Cunhadas do TikTok: midiaticização e pedagogias de gênero

O fenômeno em torno da #mulherdepreso pode ser observado por diferentes ângulos. Fato é que a grande circulação de vídeos produzidos por companheiras de homens presos configuram um fenômeno significativo nas redes sociais. Os vídeos mostram o cotidiano e os desafios enfrentados por essas mulheres, gerando discussões sobre lealdade, amor e a vida dentro e fora dos presídios.

De maneira expressiva, as publicações demarcadas com a *hashtag* circulam na plataforma digital TikTok e produzem um encontro comunicativo entre cunhadas e seu público. Ao compartilhar suas experiências nas redes sociais, as cunhadas assumem um papel de produtoras de conteúdo e, assim, estão inseridas em um processo de midiaticização (Braga, 2012). A análise se comprova quando as cunhadas escolhem se identificar como “criadoras de conteúdo” no espaço reservado para a autobiografia na plataforma digital, o perfil de Marta Carrollina é um exemplo (Figura 10).

¹⁴ Acesso em 27 ago 2024.

Figura 10: Captura de tela do perfil de Marta Carollina no TikTok¹⁵.



Fonte: TikTok.

As estratégias de interação digital adotadas pelas cunhadas são variadas, entre elas: o uso de demarcadores específicos, músicas temáticas, edição de vídeo adaptada para a plataforma TikTok, entre outras. O comportamento demonstra que as cunhadas fazem parte de uma cultura midiática que permeia a sociedade contemporânea. E, ainda mais, produzem uma subcultura por meio de particularidades culturais que se distanciam do modo dominante sem se separar dele.

Da mesma forma, a escolha do TikTok como meio de divulgar suas histórias é uma evidência da midiaticização, pois a rede social se popularizou pela alta difusão de conteúdo e conteúdos com narrativa em primeira pessoa. Outras plataformas, como o Facebook e o Twitter, são usadas para criar comunidades de troca e mútuo apoio entre as mulheres companheiras de homens presos, entretanto, nesses espaços o compartilhamento acontece de forma privada e seletiva por meio de grupos fechados. É importante enfatizar que o meio escolhido para essa nova forma de compartilhar está relacionado ao comportamento midiático, visto que aderir certos métodos no espaço digital são indícios de busca por visibilidade.

As *hashtags*, da mesma forma, são elementos estratégicos da interação digital. Os demarcadores funcionam como *hiperlinks* que conectam conteúdos por similaridade no espaço virtual. Portanto, escolher marcadores específicos para um tema demonstra uma intenção de tornar o conteúdo mais acessível. No TikTok, as músicas também operam pela

¹⁵ Acesso em 01 set 2024.

lógica dos hiperlinks, pois é possível visualizar todas as publicações que levam a mesma trilha sonora.

A seleção das músicas para os vídeos passam pelo crivo das mulheres de preso, que em sua maioria escolhem aquelas que relatam as vivências do “ser mulher de preso”. Os vídeos 1 e 2, por exemplo, são atribuídos às músicas do Mc Diouro e, portanto, estão conectados entre si pelas ferramentas de busca da plataforma. Não apenas as músicas que abordam as experiências das cunhadas, outras músicas são selecionadas em vista de estratégias de divulgação. As tendências digitais (*trends*) do TikTok são marcadas por trilhas sonoras específicas que associam os elementos musicais ao conteúdo dos vídeos. Os vídeos 3 e 4, por exemplo, correspondem à técnica de divulgação.

As formas de narrar escolhidas pelas cunhadas constituem também um modus operandi da rede social. Os vídeos narrados em primeira pessoa no TikTok ficaram conhecidos como *Point of View* (POV), afirmando a angulação. Apesar de nenhum dos exemplos citados conter os escritos “pov:”, todos estão inseridos na lógica de produção audiovisual do TikTok, caracterizados por vídeos de curta duração com diversos cortes de cena.

Para além das motivações que levaram ao compartilhamento, o uso de estratégias de divulgação indica uma intencionalidade: o desejo pela visibilidade na esfera digital. A busca por notoriedade pode ser analisada sob diferentes perspectivas; no entanto, o principal a se destacar é que tais comportamentos são reflexos diretos da midiaticização. Há uma conexão entre as estratégias utilizadas nas mídias e as consequências que elas geram na cultura e na sociedade (Couldry; Hepp, 2020).

Em conformidade, o conteúdo divulgado pelas cunhadas está sujeito a provocar transformações na sociedade. Ao veicular normas sociais e expectativas de comportamento relacionadas ao papel das mulheres com parceiros privados de liberdade, os vídeos funcionam como pedagogias de gênero (Louro, 1997). O contexto da midiaticização amplifica essas pedagogias de gênero para atingir novos públicos, fazendo com que a narrativa das mulheres de presos seja uma das principais formas pelas quais pessoas têm seu primeiro contato com a realidade do cárcere. Isto é, a esfera do cárcere frequentemente se mantém isolada das pautas sociais, e os vídeos das cunhadas, a partir de um processo de midiaticização, expuseram essas informações em contextos fora do seu círculo habitual.

Ao partilhar suas experiências de vida nas redes sociais, as cunhadas apresentam ao público diferentes formas de afetividade, dadas as especificidades de seu relacionamento, e, assim, criam novas expectativas sobre as performances de gênero (Butler, 2012). As

companheiras de homens presos, ao se posicionarem como criadoras de conteúdo digital, produzem e impulsionam pedagogias de gênero (Louro, 1997) no contexto situacional.

As pedagogias de gênero, desta forma, estão inseridas em um processo de midiaticização (Braga, 2012) e se difundem nos espaços digitais. Uma parte significativa dos usuários que consome o conteúdo tem sua compreensão da realidade das “mulheres de preso” formada exclusivamente por meio da narração de suas histórias. Tal narrativa corrobora para uma imagem idealizada dos papéis a serem cumpridos por mulheres que, consolidando uma nova expectativa sobre seu comportamento e expressão de afetividades. O que ocorre é

uma sobre-midiaticização, quando diferentes pessoas e instituições envolvidas em fatos de atualidade se deslocam da situação de “fonte” – isto é, de fornecedores de uma informação que deve ainda passar pelo crivo interpretativo-seletivo de um jornalista – para uma posição de informadores “diretos”, com base em uma reivindicação de credibilidade por se vincularem diretamente ao acontecimento relatado. (BRAGA, 2012, p.46)

A representação da dedicação incondicional dessas mulheres é normalizada como um papel de gênero que lhes é atribuído na socialização feminina (Bichir, 2024), reforçando a ideia de que a lealdade e o cuidado são qualidades intrínsecas e desejáveis no contexto de “ser mulher de preso”. Nesse sentido, o vídeo atua como uma forma de pedagogia de gênero, como definida por Louro (1997), ao transmitir e perpetuar normas sociais e expectativas de comportamento associadas ao papel das mulheres quando seu companheiro está em privação de liberdade. Fato é que os estereótipos de gênero são reforçados ao apresentar a dedicação e o sacrifício como virtudes femininas naturais, especialmente no contexto de apoio a um parceiro encarcerado.

Como resultado, os espectadores podem internalizar essas normas e padrões, adotando o comportamento exibido no vídeo como representativo e normativo para todas as mulheres em situações semelhantes. Essa perspectiva unidimensional não considera a diversidade de experiências e circunstâncias que existem entre as cunhadas, perpetuando, assim, uma visão superficial e estereotipada de seus papéis sociais. Além disso, ao reforçar esses estereótipos, os vídeos contribuem para a continuidade das expectativas sociais que limitam e definem o comportamento das mulheres em função de papéis de gênero tradicionais.

O quinto vídeo, indicado como “Apresentando o mundo das cunhadas”, evidencia o caráter pedagógico adotado pelas mulheres de preso ao narrar suas vivências. Em suas publicações no TikTok, Marta Carollina se propõe a responder perguntas sobre o universo das cunhadas e, durante o decorrer do vídeo, a cunhada esclarece as curiosidades dos internautas.

Figura 9: Captura de tela do vídeo 4. Marta aparece sentada e a frase “sobre o mundo das cunhadas :” está escrita na tela.



Fonte: TikTok.

Os tópicos abordados são diversos, sendo eles: 1) O porquê do nome cunhada; 2) O que é jumbo; 3) A razão para a grande quantidade de comida; 4) Esclarecimento sobre a expressão “+1-1 para o sistema” e 5) Restrições de entrada no presídio. É evidente, portanto, que Marta está desempenhando a função de agente da comunicação, como emissora de informações educativas sobre a sua realidade como companheira de um homem preso.

Em seu perfil, a cunhada conta com mais de 330 mil seguidores (Figura 10) que, em conjunto, compõem um grupo heterogêneo que extrapola o ambiente prisional. Além de outras cunhadas, que já estão envolvidas com a dinâmica carcerária, outras pessoas que antes não se conectavam com a realidade apresentada passam a acessar informações que ampliam sua compreensão sobre o sistema prisional e seus impactos na vida das mulheres.

Os dois primeiros temas revelam que o receptor das informações é o público externo e distante, pois os termos fazem parte do vocabulário cotidiano daqueles e daquelas inseridos

no contexto penitenciário. Desta forma, as informações são divulgadas para satisfazer a curiosidade do público e esclarecer uma conjuntura que é socialmente velada. Marta fornece detalhes sobre as burocracias prisionais que podem servir tanto para jogar luz sobre os desafios enfrentados pelas cunhadas, como também conteúdos de função pedagógica. Um exemplo é a orientação de que o jumbo pode ter até 12 quilos para ser enviado por correio às unidades prisionais. Este tipo de informação não apenas satisfaz a curiosidade do público externo, mas também fornece orientações práticas para as esposas de homens encarcerados, que podem precisar dessas diretrizes para se adequar melhor ao sistema.

O alcance em larga escala do vídeo corrobora para o fenômeno em torno da *hashtag* #mulherdepreso, em vista da grande circulação dos conteúdos na esfera digital que promovem o encontro comunicativo entre as cunhadas e seu público. De acordo com a tabela¹⁶ a seguir, Marta alcançou um grande número de usuários da plataforma TikTok:

Visualizações	Curtidas	Compartilhamentos	Hashtags
471.7K	45K	657	#mulherdepreso 🗝️🕊️👤💍💍 #cunhadasdotiktok 🗝️🗝️🗝️💍💍 #cunhadasdosistema 🗝️💍 #guerreirasdotiktok 🗝️🗝️🕊️🕊️ #mulherdepresosim 🗝️💍 #guerreiradefênuncagela 🗝️🗝️💍 #visita #soltaopresojuiz 🕊️🕊️🗝️🗝️💍 saudade #visitameupreso 💍🗝️ #mulherdepreso

Os vídeos, portanto, não apenas descrevem uma realidade, mas também a moldam, ao sugerir que o papel das cunhadas é definido por um conjunto específico de comportamentos e valores. Segundo José Luiz Braga, “o produto, por sua permanência e também porque se molda ao mesmo tempo em que busca moldar os ambientes em que se põe a circular, torna-se um especial objeto de observação para inferências sobre os processos mais gerais em que se inscreve”. (Braga, 2012, p.41)

Em síntese, o processo de midiaticização (Braga, 2012) em que as cunhadas do TikTok estão inseridas amplifica o alcance da pauta para as esferas pública e, assim, o comportamento adotado por elas, que oferecem um ideal de afetividade a ser performado, atuam como pedagogias de gênero (Louro, 1997).

¹⁶ Acesso em 27 ago 2024.

A exposição dessas narrativas pessoais nas redes sociais contribui para a formação de discursos públicos sobre afeto, feminilidade, e o papel das mulheres na sociedade, revelando as complexidades e as contradições que cercam essas experiências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, a intersecção entre o contexto do cárcere e o dispositivo amoroso se dá sob o prisma dos afetos. Zanello (2018) aponta o amor como a maior e mais invisível forma de subordinação feminina, sendo, portanto, capaz de expor mulheres a condições de vulnerabilidade – como a “prisão secundária” apresentada por Silva (2021) e Comfort (2003).

O cenário apresentado fica evidente quando a #mulherdepreso torna-se um fenômeno das plataformas digitais. Por meio de vídeos compartilhados na rede social TikTok, as esposas de homens encarcerados narram sua rotina de em torno das visitas e os desdobramentos do relacionamento nas circunstâncias apresentadas. O compartilhamento tem efeitos de conectividade entre os usuários das mídias sociais, e a adoção de um comportamento midiático por parte das mulheres de preso corrobora para o encontro comunicativo.

A intencionalidade ao usar estratégias de compartilhamento configura um processo de midiaticização (Braga, 2012) em que as cunhadas estão inseridas. O comportamento midiático amplifica o alcance e a circulação dos vídeos no espaço digital, gerando consequências diversas. Para além das expressivas métricas nas mídias sociais, os efeitos de conectividade produzem redes de apoio entre as mulheres que amam homens presos, visto que elas dividem entre si informações que podem ser úteis para se adaptar melhor ao sistema. A criação de uma rede de apoio entre as cunhadas, ainda que não seja o foco deste trabalho, apresenta-se como um tema interessante para futuras pesquisas. Fato é que a troca de informações se estabelece por meio de uma narrativa de vida que conecta tais mulheres e o público geral.

Ademais, os vídeos exercem uma função pedagógica: as mulheres ensinam na prática o que é ser mulher de preso. A problemática se apresenta quando as atividades por elas desempenhadas são atravessadas por ideais construídos pelo papel de gênero. As cunhadas interpretam o exercício do cuidado ao outro como uma expressão dos próprios sentimentos e, assim, internalizam uma subjetividade submissa (Bichir, 2024). O papel da “boa esposa” é apresentado nos vídeos como o padrão de comportamento para uma mulher que se relaciona com um homem encarcerado.

A pedagogia de gênero (Louro, 1997) são as diversas formas, tangíveis ou intangíveis, pelas quais se ensinam as *performances de gênero*. As cunhadas reproduzem os papéis tradicionais de gênero e com isso, perpetuam as expectativas sociais e culturais associadas ao gênero feminino. As mídias desempenham um papel crucial na disseminação de pedagogias de gênero, servindo como canais amplos e eficazes para alcançar grandes

públicos. Em suma, a *hashtag* #mulherdepresso se apresenta como uma manifestação das diversas formas como as redes sociais corroboram para a manutenção dos papéis de gênero.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BICHIR, M. A dominação na constituição psíquica das mulheres: subjugação e resistência. **Tese de Doutorado**. Universidade de São Paulo, 2024.

BRAGA, J. Circuitos versus campos sociais. In: JANOTTI JR, Jeder; MATTOS, Maria Ângela; JACKS, Nilda (orgs). **Mediação & Mdiatização**. Salvador: EDUFBA, 2012. P. 31-52.

BRAGA, J. **Comunicação, disciplina indiciária**. Matrizes, v. 1, n. 2, p. 73-88, 2008.

BUTLER, J. **Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

COULDRY, Nick.; HEPP, Andreas. **A construção mediada da realidade**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2020.

COMFORT, M. In the Tube at San Quentin. The ‘Secondary Prisonization’ of women visiting inmates. **Journal of Contemporary Ethnography**, Vol 32 (1): 77-107. 2003.

COMFORT, M. “Partilhamos tudo o que podemos”: A dualização do corpo recluso nos romances através das grades. **Análise social**. Vol. XLII (185): 1055-1079. 2007.

CRENSHAW, K. **Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory, and antiracist politics**. University of Chicago Legal Forum, 1989.

DAVIS, A. **Estarão as prisões obsoletas?**. Editora Bertrand Brasil, 2018.

DE LAURETIS, T. **A Tecnologia do Gênero**. Indiana University Press, 1987.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 28. ed. São Paulo: Record, 2014.

JARDIM, A. Famílias e prisões: (sobre)vivências de tratamento penal. 2010. 151 f. **Dissertação** (Mestrado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

LOURO, G. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, Rio de Janeiro. Editora Vozes, 1997.

PROCÓPIO, C. Entre o controle e o silêncio: articulações entre os regimes de visibilidade das mulheres encarceradas e o trabalho ideológico das prisões. 224 f. **Tese** (Doutorado em Comunicação Social) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2024.

SILVA, M. “Puxar cadeia junto”: significados do protagonismo de mulheres familiares de pessoas presas. 2021. 220 f. **Dissertação** (Mestrado em Direito) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

TRONTO, J. Mulheres e Cuidados. In: JAGGAR, A. M. et. Al. **Gênero, Corpo e Conhecimento**. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1997. P.186-203.

ZANELLO, V. **Saúde Mental, Gênero e Dispositivos: Cultura e Processos de Subjetivação**. Editora Appris. Kindle Edition, 2018.

ZANELLO, V; FIUZA, G; COSTA, H. Saúde mental e gênero: facetas gendradas do sofrimento psíquico. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 27, p. 238-246, 2015.